

BRASIL DE FATO

Uma visão popular do Brasil e do mundo

Que interesses tiveram as grandes empresas de telecomunicações em transmitir os inúmeros detalhes da escolha do novo Papa? A quem servem os milhões de dólares gastos nas transmissões ininterruptas até a chegada da fumaça branca? Do lado de quem se situam esses interesses? Que interesses tem o Vaticano em abrir as possibilidades para essas transmissões?

16/03/2013

Ivone Gebara*da Adital

Passadas as primeiras horas do impacto da eleição do Cardeal Bergoglio de Buenos Aires, das emoções primeiras de termos um papa latino-americano, com expressão amável e cordial a vida presente nos convida a refletir.

Apesar de seu valor, os meios de comunicação têm também o poder de amortizar as mentes e de impedir que perguntas críticas aflorem ao pensamento das pessoas. Nesses dois últimos dias que precederam a eleição papal, muitas pessoas no Brasil e no mundo foram tomadas pelas transmissões em direto de Roma. Sem dúvida um acontecimento histórico desses não se repete todos os meses! Mas, que interesses tiveram as grandes empresas de telecomunicações em transmitir os inúmeros detalhes da escolha do novo Papa? A quem servem os milhões de dólares gastos nas transmissões ininterruptas até a chegada da fumaça branca? Do lado de quem se situam esses interesses? Que interesses tem o Vaticano em abrir as possibilidades para essas transmissões? Essas perguntas talvez inúteis para muitos, continuam a ser significativas para alguns grupos preocupados com o crescimento da consciência humanista de muitos/as de nós.

São em grande parte as empresas de telecomunicações as responsáveis pela manutenção do segredo nas políticas eleitorais do Vaticano. O segredo, os juramentos e as penalidades por não respeitá-los são parte integrante do negócio. Criam impactos e fazem notícia. Não se trata de uma tradição secular sem consequências para a vida do mundo, mas de comportamentos que acabam viciando a busca de diálogo entre os grupos ou excluindo grupos de um necessário diálogo. Nenhuma crítica a esse sistema perverso que continua usando o Espírito Santo para a manutenção de posturas ultraconservadoras revestidas de ares de religiosidade e bondosa submissão é feito. Nenhum espaço para que vozes dissonantes possam se manifestar mesmo com o risco de serem apedrejadas é aberto na oficialidade das transmissões. Uma ou outra vez se percebe uma pequena ponta crítica se esboçando, mas logo é

abafada pelo "status quo" imposto pela ideologia dominante. Do novo papa Francisco se contou que usava transportes públicos, estava próximo dos pobres, fazia sua comida e que a escolha desse nome o assemelhavam ao grande santo de Assis. Foi imediatamente apresentado como uma figura simples, cordial e simpática. Na imprensa católica nada se falou das suspeitas de muitos em relação a sua postura nos tempos da ditadura militar, de suas atuais posturas políticas, de suas posições contrárias ao matrimônio igualitário, ou mesmo contra o aborto legal. Nada se falou de suas conhecidas críticas em relação à teologia da libertação e de seu desinteresse pela teologia feminista. A figura bondosa e sem ostentação eleita pelos cardeais assistidos pelo Espírito Santo encobriu o homem real com suas inúmeras contradições. Hoje os jornais (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo) delinearam perfis diferentes do novo papa e temos uma percepção mais realista de sua biografia. Além disso, foi possível intuir que sua eleição é sem dúvida parte de uma geopolítica de interesses divididos e de equilíbrio de forças no mundo católico. Um artigo de Julio C. Gambina da Argenpress publicado via internet ontem (13 de março de 2013) assim como outras informações enviadas por grupos alternativos da Nicarágua, Venezuela, Brasil e, sobretudo da Argentina confirmaram minhas suspeitas. A cátedra de Pedro e o Estado do Vaticano devem mover suas pedras no xadrez mundial para favorecer as forças dos projetos políticos do norte e dos seus aliados do sul. O sul foi de certa maneira co-optado pelo norte. Um chefe político da Igreja, vindo do sul vai equilibrar as pedras do xadrez mundial, bastante movimentadas nos últimos anos pelos governos populares da América latina e pelas lutas de muitos movimentos entre eles os movimentos feministas do continente com reivindicações que atormentam o Vaticano. Se, é no sul que alguma coisa nova está acontecendo politicamente nada melhor do que um papa do sul, um latino-americano para enfrentar esse novo momento político e conservar as tradições da família e da propriedade intactas. Sem dúvida uma afirmação desse tipo quebra o encanto do momento da eleição e a emoção de ver a multidão na Praça de São Pedro irrompendo em aplausos e gritos de alegria diante da figura do papa Francisco. Muitos dirão que essas críticas tiram a beleza de um acontecimento tão emocionante quanto a eleição de um papa. Talvez, mas creio que são críticas necessárias.

A tão badalada preservação da evangelização como prioridade da Igreja parece ser a preservação de uma ordem hierárquica do mundo onde as elites governam e os povos aplaudem nas grandes praças públicas, se emocionam, rezam e cantam para que as bênçãos divinas caiam sobre as cabeças dos novos governantes político-religiosos. O mesmo catecismo com poucas variações continua a ser reproduzido. Não há reflexão, não se despertam as consciências, não se convida ao pensamento, mas a conservação de uma doutrina quase mágica. Por um lado é a sociedade do espetáculo que nos invade para que entremos na disciplina da ordem/desordem contemporânea com certa dose de romantismo e por outro a sociedade assistencialista identificada à evangelização. Sair às ruas para dar de comer aos pobres e rezar com os prisioneiros embora tenha algo de humanitário não resolve o problema da exclusão social

presente nos muitos países do mundo.

Escrever sobre a "geopolítica do segredo" em tempos de euforia mediática é como estragar a festa dos vendilhões do Templo felizes com suas barracas cheias de terços, escapulários, vidros de água benta e imagens grandes e pequenas de muitos santos. O problema é que se abrimos o segredo desmancha-se o charme da fumaça branca, se quebra o suspense de um conclave secreto que fecha ao povo católico o acesso às informações às quais temos direito, se desnudam os corpos purpurados com suas histórias tortuosas.

Quebrar o segredo é quebrar a falsidade do sistema político-religioso que governa a Igreja Católica Romana. É tirar as máscaras que nos sustentam para afinal abrir nossos corações para a real interdependência e responsabilidade entre todos nós. Os jogos de poder são cheios de astúcias, ilusões e até de boa fé. Somos capazes de nos impressionar com um gesto público de carinho ou de simpatia sem nos perguntarmos sobre o que de fato constituiu a história dessa pessoa. Nem nos perguntamos sobre as ações de seu passado, de seu presente e suas perspectivas de futuro. É apenas o momento da aparição da figura simpática vestida de branco que nos impressiona. Somos capazes de nos emocionarmos frente a um carinhoso "bona cerra" papal (boa noite) e irmos para cama como crianças bem comportadas abençoadas pelo bondoso papai. Já não somos mais órfãos visto que a orfandade paterna numa sociedade patriarcal é insuportável mesmo por poucos dias.

Nós somos cúmplices da manutenção desses poderes tenebrosos que nos encantam e nos oprimem ao mesmo tempo. Nós, sobretudo os que têm mais lucidez nos processos políticos e religiosos, somos responsáveis pela ilusão que esses poderes criam na vida de milhares de pessoas, sobretudo veiculadas pelos meios de comunicação religiosos. Somos capazes de nos enternecer de tal forma que nos esquecemos dos jogos do poder, das manipulações invisíveis, da arte teatral cultivada e tão importante nessas ocasiões.

Não podemos fazer previsões sobre os rumos do futuro da governança da Igreja Católica Romana. Mas à primeira vista não parece que podemos esperar grandes mudanças nas estruturas e políticas atuais. As mudanças significativas virão se as comunidades cristãs católicas assumirem de fato a direção do presente do cristianismo, ou seja, se elas forem capazes de dizer a partir das necessidades de suas vidas como o Evangelho de Jesus poderá ser traduzido e vivido em nossas vidas hoje.

A geopolítica do segredo tem interesses altíssimos a defender. É parte de um projeto mundial de poder aonde as forças da ordem se vêm ameaçadas pelas revoluções sociais e culturais em curso em nosso mundo. Manter o segredo é justificar que há forças superiores às forças históricas da vida e que estas são mais decisivas que os rumos que podemos dar à nossa luta coletiva por dignidade, pão, justiça e misericórdia em meio aos muitos reveses e tristezas que nos acometem

em meio do caminho.

Termino essa breve reflexão na esperança de que possamos não apagar a luz da liberdade que vive em nós e seguirmos bebendo das fontes de nossos sonhos de dignidade com lucidez sem nos impressionarmos com as surpresas que podem parecer grandes novidades. Afinal é apenas mais um papa que inscreve seu nome nessa instituição que apesar de sua história de altos e baixos mereceria ser transformada e repensada para os dias de hoje.

Mudanças podem sempre acontecer e é preciso estar abertos aos pequenos sinais de esperança que irrompem por todos os lados mesmo das instituições as mais anacrônicas de nosso mundo.

*Ivone Gebara é escritora, filósofa e teóloga.

Jon Sobrino, teólogo y jesuita

"Bergoglio no fue un Romero, se alejó de los pobres durante el genocidio argentino"

Jon Sobrino, vasco universal y símbolo de la Teología de la Liberación, acostumbra a conmover el corazón. Alejado de boatos y parafernalias vaticanistas, sus opiniones le han valido más de una reprimenda. Hoy habla por primera vez del nuevo Papa, y lo hace alto y claro

Concha Lago - Sábado, 16 de Marzo de 2013 - Actualizado a las 05:22h

Jon Sobrino, durante una reciente conferencia. (Javier Bergasa)

Donostia. Jon Sobrino (Barcelona, 1938) es el quijote de los desheredados, un teólogo que le quita a la vida el papel de regalo para presentarla descarnada.

Pero hablar como Sobrino lo hace, con la espiritualidad de su antiimperialismo,

irrita a muchos, sobre todo a los inquisidores romanos. En un discurso tremendamente lúcido pero políticamente incorrecto, arremete contra el espectáculo de la elección del nuevo Papa. "Era chocante el despliegue de suntuosidad, alejada de la sencillez de Jesús", dice. Y, sin pelos en la lengua, asegura que "Bergoglio, superior de los jesuitas de Argentina en los años de mayor represión del genocidio cívico militar, tuvo un alejamiento de la Iglesia Popular, comprometida con los pobres. "No fue un Romero", subraya Sobrino.

Usted ha tachado la elección del Papa de "folklore mediático".

La plaza de San Pedro estaba abarrotada de gente de todas las razas y colores, con banderas variopintas, con rostros expectantes y sonrientes. La fachada del Templo estaba adornada con esmero calculado. Se dejaban ver también personas vestidas con capisayos y acicaladas como no se ven en las calles de la vida real, en campesinos y señoras del mercado. Imperaba el folklore -en inglés, costumbres populares-, aunque en la plaza de San Pedro, las costumbres eran más sofisticadas y acicaladas que las de los pueblos del terruño español y de los cantones de El Salvador, donde yo me encuentro.

¿Eso es malo?

No, nada de esto era malo, pero no decía nada importante de quién iba a ser el nuevo Papa, qué alegrías y problemas iba a tener y con qué cruz iba a cargar... Sí era chocante el despliegue de suntuosidad alejada de la sencillez de Jesús. Y se adivinaba una cierta

jactancia en los organizadores como diciendo todo está saliendo bien. Cuando esta perfección expresa, además, poderío, la suelo llamar la pastoral de la apoteosis.

Pero no todo fue folclórico.

No, algo no fue folclórico ya desde el primer día. Hablo de la vestimenta sencilla del Papa, de la pequeña cruz sobre su pecho donde no había oro ni plata ni brillantes, su oración que, inclinándose, pidió al pueblo antes de bendecirles él a ellos. Son signos pequeños pero claros. Ojalá crezcan como signos grandes y que acompañan a su misión. Clara quedó la sencillez y la humildad.

La elección de Bergoglio resultó una sorpresa total.

Sí, para los no iniciados fue una sorpresa y una gran novedad. El Papa es argentino, el primer Papa de ese país. Y es jesuita, el primer Papa de esa orden. Ambas cosas pueden ser trivializadas, como ha ocurrido en algunos medios. Por eso hay que entenderlo bien. Messi es argentino, pero no todos los argentinos son estrellas. Jesuita fue Pedro Arrupe, pero -y aquí hablo de cosas más serias- no todos los jesuitas somos como él. Al folclore pertenecen también titulares sin mucho ingenio y con pereza mental como; argentino y jesuita. ¿No tendrán otra cosa que decir? Además los momentos folclóricos y mediáticos duran poco. Triste es mantenerlos, o seguir añadiendo detalles intrascendentes, sin acabar de entrar en el fondo del asunto como el Papa, la Iglesia, Dios y nosotros. De los amos de los medios -y de los espectadores- dependerá que lo folclórico siga siendo lo más socorrido.

Estos días, ha hablado con gente que conoce a Bergoglio de cerca.

Sí, yo no soy experto en la vida, trabajo, gozos y sufrimientos de Bergoglio. Y para no caer en ninguna irresponsabilidad he procurado conectarme con personas, a las que no citaré, de Argentina, sobre todo, que han tenido contacto directo con él. Espero

comprensión por lo limitado de lo que voy a decir, y pido disculpas si cometo algún error. Bergoglio es un jesuita que ha ocupado cargos importantes en la Provincia de Argentina. Ha sido profesor de Teología, superior y provincial. No es difícil hablar de sus tareas externas. Pero de lo más interno solo se puede hablar con delicadeza y, ahora, con respeto y responsabilidad. Muchos compañeros lo han recordado como persona de hondos convencimientos y temperamento, decidido luchador y sin tregua. Si le hacen Papa, limpiará la Curia, se ha dicho con humor.

¿Le han resaltado su austeridad?

También le recuerdan por su interés desmedido de comunicar a otros sus convicciones sobre la Compañía de Jesús, interés que se podía convertir en posesividad, hasta exigir lealtad hacia su persona. Muchos recuerdan su austeridad de vida, como jesuita, arzobispo y cardenal. Muestra de ello es su vivienda y su proverbial viajar en autobús. Ya obispo, muchos de sus sacerdotes recuerdan su cercanía y cómo se les ofrecía a suplirles en su trabajo parroquial, cuando necesitaban dejar la parroquia para salir a descansar. La austeridad de vida iba acompañada de un real interés por los pobres, indigentes, sindicalistas atropellados, lo que le llevó a defenderlos con firmeza ante los sucesivos gobiernos. Los temas morales le han sido cercanos, y ciertamente el del aborto, lo que le llevó a enfrentarse directamente con el presidente del país.

2

¿Le han recordado por su opción por los pobres?

En todo ello se apreciaba una forma suya específica de hacer la opción por los pobres. No así en salir activa y arriesgadamente en su defensa en las épocas de represión de las criminales dictaduras militares. La complicidad de la jerarquía eclesial con las

dictaduras es conocida. Bergoglio fue superior de los jesuitas de Argentina desde 1973 hasta 1979, en los años de mayor represión del genocidio cívico militar.

¿Habla de complicidad?

No parece justo hablar de complicidad, pero sí parece correcto decir que en aquellas circunstancias Bergoglio tuvo un alejamiento de la Iglesia Popular, comprometida con los pobres. No fue un Romero -célebre por su defensa de los derechos humanos y asesinado en el ejercicio de su ministerio pastoral-. No tengo conocimientos suficientes, y lo digo con temor a equivocarme. Bergoglio no ofrecía la imagen de Monseñor Angelleli, obispo argentino asesinado por los militares en 1976. Muy posiblemente sí ocurría en su corazón, pero no solía aflorar en público el recuerdo vivo de Leónidas Proaño, Monseñor Juan Gerardi, Sergio Méndez...

Sin embargo, tiene también otra marcada faceta solidaria.

Sí, por otra parte, desde 1998, como arzobispo de Buenos Aires acompañó de diferentes maneras a sectores maltratados de la gran ciudad, y con hechos concretos. Un testigo ocular cuenta que en la misa del primer aniversario de la tragedia de Cromagnon - incendio ocurrido durante un concierto de rock que costó la vida a 200 jóvenes-, Bergoglio se hizo presente y con fuerza exigió justicia para las víctimas. A veces usó lenguaje profético. Denunció los males que trituran la carne del pueblo, y les puso nombre concreto: la trata de personas, el trabajo esclavo, la prostitución, el narcotráfico, y muchos otros. Para algunos, quizás la mayor virtud y la mayor fuerza para llevar adelante su actual ministerio papal es que Bergoglio es un hombre abierto al diálogo con los marginados y desde el dolor. Acompañó con decisión procesos eclesiales en los márgenes de la Iglesia católica, y los procesos que ocurren al borde de la legalidad. Dos ejemplos emblemáticos son la vicaría de curas villeros de los barrios marginales y su

apoyo a los curas que deambulaban sin un ministerio digno.

¿Qué le espera al papa Francisco?

Solo Dios lo sabe. El nuevo Papa habrá pensado bien lo que le puede esperar y lo que él deberá, podrá y querrá hacer. Ahora enumeramos algunas tareas que a nosotros, desde El Salvador, nos parecen importantes, y que pueden ser importantes para todos en la Iglesia. También nosotros debemos llevarlas a cabo, pero el Papa tiene una mayor responsabilidad y, ojalá tenga más medios. Las tareas coinciden mucho con las que José Ignacio González Faus ha propuesto recientemente.

¿Cuál sería la más urgente?

La primera -yo creo que la mayor de las utopías- es hacer realidad la utopía de Juan XXIII: La iglesia es especialmente la Iglesia de los Pobres. No tuvo éxito en el aula del Vaticano II, de modo que unos 40 obispos se reunieron fuera del aula, y en las Catacumbas de Santa Domitila firmaron el manifiesto que se ha llamado El Pacto de las Catacumbas.

3

Usted siempre apunta a la falta de sensibilidad de la Iglesia.

Por lo que muchos dicen, Bergoglio tiene sensibilidad hacia los pobres. Ojalá tenga lucidez para hacer real la Iglesia de los pobres, y que esta deje de ser Iglesia de abundancia, de burgueses y ricos. No le faltarán enemigos, como no faltaron después de Medellín a muchos jerarcas que sí pusieron a los pobres en el centro de la Iglesia. Los enemigos estaban dentro de curias eclesiásticas, y muy poderosamente en el mundo del

dinero y el poder. Estos asesinaron a miles de cristianos y cristianas.

Imposible olvidar a Monseñor Romero, mártir latinoamericano.

Ojalá el papa Francisco no se asuste de una Iglesia perseguida y mártir, como las de Monseñor Romero y Monseñor Gerardi. Y los canonicos o no, ojalá proclame que los mártires, concretándolos también como los mártires por la justicia, es lo mejor que tenemos en la Iglesia. Es lo que la hacen parecida a Jesús de Nazaret. Para ello no es esencial que canonicos a Monseñor Romero, aunque sería un buen signo. Y si el Papa cae en alguna debilidad humana, sea esta estar orgulloso de su patria latinoamericana, sufriente y esperanzada, mártir y siempre en trance de resurrección. Y estar orgulloso de toda una generación de obispos: Leónidas Proaño, Helder Camara, Aloysius Lorscheider, Samuel Ruiz... No llegaron a papas, la mayoría de ellos tampoco a cardenales. Pero de ellos vivimos.

¿Y qué me dice de los problemas que sacuden a la Iglesia y que aparecen en los medios de comunicación?

La segunda de las utopías es afrontar la conocida constelación de problemas al interior de la organización de la Iglesia que esperan solución. Por ejemplo, la muy urgente reforma de la Curia romana. También es necesario que los miembros de la Curia sean preferentemente laicos. Asimismo, es importante que Roma deje a las iglesias locales la elección de sus pastores. Que desaparezcan del entorno papal todos los símbolos de poder y de dignidad mundana, y ciertamente que el sucesor de Pedro deje de ser jefe de Estado, porque eso avergonzaría a Jesús. Hace falta que toda la Iglesia sienta como ofensa a Dios la actual separación de las iglesias cristianas. Hay que pedir al Papa que Roma solucione la situación de los católicos que fallaron en su primer matrimonio y han encontrado estabilidad en una segunda unión. Y, por supuesto, que repiense el celibato

ministerial.

Usted tampoco abandona otras reivindicaciones ya clásicas.

Sí tengo otras tres cuestiones. Por un lado, que de una vez por todas arreglemos la situación insostenible de la mujer en la Iglesia. También que dejemos de minusvalorar, a veces menospreciar, al mundo indígena, a los mapuches de América del Sur y a todos los que el Papa irá conociendo en sus viajes por África, Asia y América Latina. Y por supuesto que aprendamos a amar a la madre tierra.

Todo ello con un compromiso en firme que tiene que ver mucho con lo sucedido estos días.

Sí, el compromiso debería ser que el nuevo Papa en el balcón de San Pedro y los millones de personas en la plaza no debieran convertirse en un gran actor, el Papa, y en meros espectadores taquilleros, los fieles.

Papa, vescovi, curia. Le riforme che verranno

Un "consiglio della corona" attorno al papa, con cardinali dei cinque continenti. Un drastico snellimento degli uffici. Una svolta per lo IOR. Novità e incognite del pontificato di Francesco

di Sandro Magister



ROMA, 21 marzo 2013 – Giovanni XXIII nominò il suo nuovo segretario di Stato la sera stessa

della sua elezione a papa. Ed era il grande diplomatico Domenico Tardini, all'epoca semplice prete, non ancora vescovo né cardinale.

Ma quella è preistoria, rispetto al terremoto di oggi.

Papa Francesco è arrivato a Roma "dalla fine del mondo" e il modo di governare la Chiesa lo sta innovando dall'alto, da lui per primo. La riforma della curia verrà. E verranno anche molte altre cose. Ma dopo "un certo tempo", ha avvisato.

Intanto, a tutti i capi di curia decaduti con la rinuncia del predecessore ha detto di rimettersi a lavorare. "Provvisoriamente" e "donec aliter provideatur", fino a che lui, il nuovo papa, deciderà. Dal 13 marzo la curia vaticana è un tremebondo esercito di precari.

*

Alla sua prima uscita sulla loggia della basilica di San Pietro, il neoeletto Jorge Mario Bergoglio ha voluto al suo fianco due cardinali. A destra il suo vicario per la diocesi di Roma, Agostino Vallini, e a sinistra l'amico brasiliano Cláudio Hummes, francescano. Una coppia che impersona il suo programma.

Di Roma, il nuovo papa vuole essere vescovo a tutti gli effetti, in prima persona, come ha fatto intravedere subito, nella prima domenica del suo pontificato, con la messa celebrata nella parrocchia di Sant'Anna, sul confine tra il Vaticano e il Borgo, in un tripudio di popolo. Andrà di chiesa in chiesa, percorrerà il centro e le periferie, "per l'evangelizzazione di questa città tanto bella". A contatto diretto con il popolo della diocesi che ora è la sua "sposa". Il prossimo Giovedì Santo andrà a celebrare la messa "in coena Domini" nel carcere minorile di Casal del Marmo.

Ama chiamarsi anzitutto "vescovo di Roma", papa Francesco. Ma tiene anche fermo, e l'ha detto subito, che "la Chiesa di Roma è quella che presiede nella carità tutte le Chiese".

Sono parole di Ignazio di Antiochia, un vescovo martire del II secolo, che da allora fanno da guida al difficile equilibrio di poteri tra il successore di Pietro, il vescovo di Roma, e i successori del collegio dei dodici apostoli, i vescovi di tutto il mondo, tra l'esercizio del primato papale e l'esercizio della collegialità episcopale. All'inizio del secondo millennio questo equilibrio si ruppe e lo scisma divise la Chiesa di Roma dalle Chiese di Oriente.

Ma anche dentro la Chiesa cattolica il primato papale, potenziato all'estremo, attende di essere bilanciato dal collegio dei vescovi. L'ha voluto il concilio Vaticano II, finora con scarse applicazioni pratiche, e l'ha di nuovo chiesto con forza Benedetto XVI in uno dei suoi ultimi discorsi da papa, pochi giorni prima della rinuncia. Il suo successore Francesco ha già fatto capire che proprio questo vuol fare.

Per farlo ha a disposizione uno strumento allo stato grezzo, il sinodo. Sono i circa duecento vescovi, l'élite dei quasi cinquemila vescovi di tutto il mondo, che ogni due anni si riuniscono a Roma per discutere un tema di particolare urgenza per la vita della Chiesa.

I suoi poteri sono puramente consultivi e le sue finora ventotto edizioni, dalla prima del 1967, solo di raro si sono sollevate dalla noia. Papa Francesco potrà renderlo deliberante, naturalmente "assieme e sotto" alla sua potestà primaziale.

Ma soprattutto potrà trasformare in un proprio permanente "consiglio della corona" quel ristretto consesso di vescovi, tre per continente, che ogni sinodo elegge al termine dei suoi lavori, per fare da ponte verso il sinodo successivo.

Per un papa come Francesco, che da Roma vuole sentire il polso della Chiesa mondiale, questo consesso è lo strumento ideale. Basti dire che tra i dodici eletti dall'ultimo sinodo si ritrovano quasi tutti i nomi di spicco del recente conclave: i cardinali Timothy Dolan di New York, Odilo Scherer di San Paolo del Brasile, Christoph Schönborn di Vienna, Peter Erdö di Budapest, George Pell di Sydney, Luis Antonio Gokim Tagle di Manila.

Riunendo attorno a sé un summit dell'episcopato mondiale di così alto livello, una volta al mese o anche più spesso, con presenze fisiche a Roma o tramite videoconferenze, papa Francesco potrà governare la Chiesa proprio come il concilio Vaticano II ha voluto: con uno stabile sostegno collegiale alle sue decisioni ultime di successore di Pietro.

*

La curia verrà dopo e sotto. Riportata ai suoi più modesti compiti di servizio a decisioni che non toccherà ad essa prendere, né tanto meno forzare.

Il cardinale Hummes si è espresso così, due giorni dopo l'elezione di Bergoglio a papa: "Moltissimi attendono una riforma della curia e sono certo che lui la farà, alla luce dell'essenzialità, della semplicità e dell'umiltà richiesta dal Vangelo. Sempre nella scia del santo da cui ha preso nome. San Francesco aveva un grande amore per la Chiesa gerarchica, per il papa: voleva che i suoi frati fossero cattolici e ubbidissero al 'Signor papa', come diceva lui".

Non è banale questo richiamo a Francesco, per un papa da cui ci si aspetta che "ripari la Chiesa".

Nella mitologia pseudofrancescana e pauperista che in questi giorni tanti applicano al nuovo papa, la fantasia corre a una Chiesa che rinunci a poteri, strutture e ricchezze e si faccia puramente spirituale.

Ma non per questo visse il santo di Assisi. Nel sogno di papa Innocenzo III dipinto da Giotto, Francesco non demolisce la chiesa, ma la sorregge sulle sue spalle. Ed è la chiesa di San Giovanni in Laterano, la cattedrale del vescovo di Roma, a quell'epoca da poco magnificamente restaurata e abbellita, ma resa brutta dai peccati dei suoi uomini, i quali si andavano purificati. Furono alcuni seguaci di Francesco a cadere nello spiritualismo e nell'eresia.

Papa Bergoglio ha la solida formazione di un gesuita d'antico stampo. Non si sogna di abolire la curia. Ma di ripulirla sì. In un'omelia mattutina a un ristretto numero di cardinali, due giorni dopo

l'elezione, ha insistito sulla parola "irreprensibilità". Dalla curia romana Bergoglio si è sempre tenuto accuratamente lontano, ma ne conosce i disordini e i peccati.

Esigerà l'effettiva lealtà di tutti i suoi membri, scandalosamente violata negli scorsi anni col trafugamento delle carte più riservate, persino dalla scrivania personale di Benedetto XVI.

Esigerà la fedele e rapida esecuzione di tutti i propri ordini.

Esigerà una revisione delle spese al risparmio, in bilanci che nel 2012 sono tornati pericolosamente in rosso, stando alle anticipazioni fornite ai cardinali nel preconclave.

Di snellire la curia, Benedetto XVI aveva inizialmente provato. Aveva accorpato i due consigli della cultura e del dialogo interreligioso. E così quelli di "Iustitia et Pax" e dei migranti.

Ma poi tutto tornò come prima e nacque persino un dicastero in sovrappiù, quello per la nuova evangelizzazione assegnato a monsignor Rino Fisichella.

Ma il peggio è la disunione. Ogni ufficio fa per sé. Talora tenendo all'oscuro il papa.

Clamoroso fu due inverni fa il colpo di mano quasi riuscito ai neocatecumenali di strappare l'approvazione di Joseph Ratzinger alle loro bizzarre liturgie. Il papa scoprì e sventò tutto in extremis. Fu addolorato al vedere che tra gli autori della manovra c'era un cardinale nel quale aveva riposto grande fiducia, il prefetto della congregazione per il culto divino Antonio Cañizares Llovera. Ordinò alla congregazione per la dottrina della fede di mettere sotto esame le liturgie dei neocatecumenali. La pratica ora dorme in un cassetto.

Un'altra disfunzione è data dai dirigenti di curia che utilizzano il loro ufficio come tribuna per ambizioni molto personali. Ne è prova monsignor Vincenzo Paglia, divenuto capo del pontificio consiglio per la famiglia nonostante provenga da una comunità, quella di Sant'Egidio, la cui storia interna non è esemplare in materia, punteggiata com'è di matrimoni combinati e falliti. Le dichiarazioni che egli usa rilasciare, per la loro vaghezza, fanno a pugni con il chiarissimo ed intransigente magistero papale, ma gli valgono la simpatia dell'opinione pubblica favorevole ai matrimoni "gay", che applaude alle sue supposte "aperture".

E poi ci sono gli imbucati. Personaggi che in curia non ricoprono alcun ruolo eppure sono riusciti a infilarsi nei luoghi chiave, per spremere tutti i vantaggi. Come Andrea Riccardi, il fondatore di Sant'Egidio, prodigiosamente entrato nelle grazie dello stesso Benedetto XVI e del suo segretario particolare Georg Gänswein. Oppure Marco Simeon, irrimovibilmente nell'orbita dei cardinali Mauro Piacenza, prefetto della congregazione per il clero, e Tarcisio Bertone, segretario di Stato uscente.

Per quest'ultimo le congregazioni del preconclave sono state un calvario, perché le rimozioni dei cardinali per il malgoverno curiale martellavano inesorabilmente lui, come primo ministro. Ma i quasi 79 anni di età gli consentiranno un pensionamento dolce.

Al suo posto, è possibile che papa Francesco richiami a Roma dall'America latina un diplomatico rigoroso e fedele, che conosce e stima. È Pietro Parolin, vicentino, 58 anni, sottosegretario agli esteri dal 2002 al 2009, oggi arcivescovo e nunzio apostolico in Venezuela.

MONEYVAL CONTRO BERTONE

Quando nel 2009 Benedetto XVI applicò agli intrighi della curia il detto di san Paolo: "Se vi mordete e divorate a vicenda, guardate almeno di non distruggervi del tutto gli uni gli altri", diceva la pura verità. La ferocia con cui dieci mesi fa Ettore Gotti Tedeschi fu cacciato dalla presidenza dell'Istituto per le Opere di Religione, la "banca" vaticana, risponde in pieno alla descrizione.

Era il 24 maggio del 2012. Tra le nove accuse scagliate pubblicamente addosso a Gotti Tedeschi a sostegno della sua rimozione c'era quella di aver passato alla stampa documenti riservati riguardanti lo IOR, tra cui la lettera nella quale il cardinale Attilio Nicora, presidente dell'Autorità di Informazione Finanziaria, rimproverava al cardinale segretario di Stato Tarcisio Bertone di aver fatto un disastroso "passo indietro" nel cammino di risanamento dello stesso IOR e di tutti gli uffici finanziari vaticani.

In realtà, quell'accusa contro Gotti Tedeschi era falsa. Nelle stesse ore della sua defenestrazione fu arrestato Paolo Gabriele, il maggiordomo di Benedetto XVI, il vero autore del furto di documenti, e tra le carte trovate a casa sua c'erano anche quelle riguardanti lo IOR.

Non solo. Risulta all'Espresso che anche gli ispettori di Moneyval che nel marzo del 2012 avevano passato al setaccio gli uffici finanziari vaticani avevano formulato lo stesso giudizio negativo che, espresso dal cardinale Nicora e condiviso da Gotti Tedeschi, aveva fatto infuriare Bertone.

Il "passo indietro", lo "step backwards" denunciato anche da Moneyval nel paragrafo 313 del suo primo rapporto dopo l'ispezione, datato 27 aprile e mai divenuto pubblico, riguardava la legge vaticana n. 127, quella che regola come prevenire e contrastare il riciclaggio di denari illeciti.

Nella prima versione della legge, voluta da Nicora e Gotti Tedeschi ed entrata in vigore il 1 aprile 2011, i poteri di controllo dell'Autorità di Informazione Finanziaria sullo IOR erano illimitati. Mentre nella seconda versione, voluta dal cardinale Bertone ed entrata in vigore all'inizio del 2012, i poteri dell'AIF risultavano anche a Moneyval indeboliti, "weakened in terms of efficiency and independence", sia nell'efficacia che nell'indipendenza, in quanto sottomessi alla segreteria di Stato.

Questo era lo stato delle cose quando Gotti Tedeschi fu rimosso il 24 maggio. Il rapporto di Moneyval del 27 aprile dava ragione a lui e a Nicora, non a Bertone, sul punto chiave dei poteri dell'AIF.

Sta di fatto che oggi Nicora non fa neppure più parte della commissione cardinalizia di vigilanza sullo IOR, presieduta da Bertone. E a Gotti Tedeschi non è arrivato nessun segno, neppure minimo, di riabilitazione.

Questi due articoli di Sandro Magister sono usciti su "L'Espresso" n. 12 del 2013, in edicola dal 22 marzo.

L'omelia di papa Francesco nella messa d'inizio del pontificato, martedì 19 marzo, festa di san Giuseppe:

[> "Ringrazio il Signore..."](#)

CERTEZZE E DUBBI DI UN ESORDIO IN TONO MINORE

Nelle 1330 parole dell'omelia della messa d'inizio del pontificato di Jorge Mario Bergoglio, la parola "papa" è ricorsa una sola volta. Il nome di Pietro quattro volte. Vi ha dominato invece, dodici volte, il nome di Giuseppe. Che la mansione di "custode" della Sacra Famiglia impersonata dal padre putativo di Gesù sia stata assunta come emblematica della funzione papale è un'altra delle particolarità di questo esordio dal successore di Benedetto XVI.

Naturalmente papa Francesco non ha ommesso di ricordare che Cristo il "potere" delle chiavi l'ha dato a Pietro, non ad altri. Ma il "servizio" amorevole in cui ha detto che si concreta tale potere è lo stesso di tutti i discepoli di Gesù. È come se la presenza alla messa d'inizio del pontificato del patriarca ecumenico di Costantinopoli, per la prima volta nella storia, abbia indotto Bergoglio a mettere in ombra, invece che ad esplicitare, lo specifico dell'ufficio petrino.

Paradossalmente, il nuovo papa ha detto di più sull'ufficio petrino – e di più consistente – nel suo primo apparire sulla loggia della basilica di San Pietro, dopo l'elezione.

Ma dopo essersi presentato come "vescovo della Chiesa di Roma che presiede nella carità tutte le Chiese", egli ha poi insistito, nei giorni seguenti compresa la messa d'inizio pontificato, solo sul primo elemento del dittico, quasi avesse timore a guardare oltre lo spazio romano, all'intero orbe cattolico che egli è stato chiamato a presiedere. Ha persino ommesso di salutare la folla in più lingue, dopo il suo primo Angelus domenicale.

Sicuramente, si è già intravisto in papa Bergoglio un forte profilo di vescovo "defensor civitatis", ortodosso nella dottrina e nei costumi e protettore del proprio popolo dall'arbitrio del sovrano e dalle insidie del diavolo, del quale non ha paura di parlare.

Ma nello stesso tempo alcuni suoi gesti hanno acceso nell'opinione pubblica dentro e fuori la Chiesa cattive immaginazioni e tentazioni: dalla liquidazione del governo centrale della Chiesa alla scomparsa del titolo di papa, dall'avvento di una nuova Chiesa tutta spirituale alla umiliazione della bellezza che celebra Dio, cioè della simbolica di riti, abiti, arredi, edifici sacri.

La modesta "ars celebrandi", senza forza né splendore, della messa inaugurale del 19 marzo non ha aiutato a fugare quest'ultima tentazione.

Ma in chi lo conosce come pastore austero, netto nel giudizio, misericordioso nel tratto, permane la certezza che papa Bergoglio immetterà questa sua tempra nella pienezza simbolica e politica del "vicarius Christi". Tutto l'opposto del facile francescanesimo alla moda, che tanti gli applicano.

Pietro De Marco, in un suo commento pubblicato sul supplemento fiorentino del "Corriere della Sera", fa notare che "l'Argentina, come ogni parte dell'orbe cattolico, è 'provincia' rispetto a Roma, come lo era la Polonia di Karol Wojtyla. E come Wojtyla riversò la sua forza di vescovo combattente in patria nella funzione universale di successore di Pietro, così l'ufficio plasmerà Bergoglio come papa che presiede nella carità tutte le Chiese".

Gli ultimi tre precedenti servizi di www.chiesa.it:

16.3.2013

[> Il nome di Francesco, la regola di sant'Ignazio e l'esempio di Giona](#)

Il nuovo papa dice come e perché ha scelto di chiamarsi come il santo di Assisi. Ma si è già richiamato anche al fondatore della Compagnia di Gesù. E come il profeta, vuole predicare alla moderna Ninive il perdono di Dio. Un'intervista rivelatrice

14.3.2013

[> "Quando camminiamo senza la croce..."](#)

"... siamo mondani. Siamo vescovi, preti, cardinali, papi, ma non discepoli del Signore". La prima omelia di papa Francesco, giovedì 14 marzo, nella Cappella Sistina con i cardinali che l'hanno eletto

13.3.2013

[> Il primo papa di nome Francesco](#)

È Jorge Mario Bergoglio. È argentino e gesuita. Lascia Buenos Aires per Roma. La sua nomina ha sovvertito tutti i pronostici. Ma arriva da lontano

Angola , 16 de marzo del 2.013

Apreciado Hubo :

:Leo tu correo pidiendo algunas

apreciaciones sobre Francisco , ahora Obispo de Roma y por eso sucesor de Pedro y pastor de la Iglesia Católica .

En estos primeros días hay variadas opiniones sobre su persona , desde su actuación como miembro y superior de la Compañía de Jesús , como Arzobispo de Buenos Aires , y como Papa en sus primeras palabras y gestos .. Ya expresé a Nicolás algo de mi relación con él desde mi juventud hasta estos últimos años como Arzobispo de Bs.As. . Lo sentí siempre cercano y sencillo .

Hay opiniones de gente que interpreta esos gestos como búsqueda de poder y se refieren a su actuación durante la dictadura como connivencia con la misma :

Con respecto a lo primero , pienso que no tenemos derecho a juzgar las intenciones que mueven a realizar gestos evangélicos como los que vimos en estos primeros días . Corremos el riesgo de fariseísmo .

En lo que se refiere a su actuación durante la dictadura con respecto a los dos Jesuitas Yorio y Jalics quiero aportar algo que puede echar luz sobre su actuación en esa circunstancia ..

En un momento de la dictadura ,aproximadamente en el año 1977 , un militar de alto rango fue a entrevistarse con el Rector Mayor de los Salesianos P. Egidio Viganó , para pedirle expresamente que retirara a tres salesianos que vivían en Cavalli , una villa de emergencia de san Nicolás ; de lo contrario iban a correr la suerte el P. Ángel Nicolau , otro salesiano que fué secuestrado y desaparecido en Rosario ; por este motivo el Rector Mayor pidió encarecidamente al Provincial P.Francisco Tessarolo , que esos salesianos dejaran la villa donde habían optado por vivir . . El P. Pichi Mesejeier , un verdadero testimonio de vida entregada a los pobres , investigando el caso de Yorio y Jalics también afirma que el P. Arrupe sugirió algo semejante con respecto a estos Jesuitas que vivían en el Bajo Flores : El P. Bergoglio , en ese momento como provincial , actuó cumpliendo órdenes y con la intención de salvaguardar sus vidas . .Al permanecer ellos en la villa por fidelidad a los pobres , quedaron desprotegidos de la Orden y

fueron secuestrados . Ante esta noticia Bergoglio no quedó insensible y según testigos lloró y se preocupó por su paradero .

Quiero añadir a esto el testimonio del P: Miguel La Civita , hasta hace poco parroco de Cañada de Gómez , entonces seminarista estudiante de teología en la Facultad de los Jesuitas (en San Miguel pcia.de Bs.As.) cuyo superior era el P. Bergoglio ; en el año 1976 al iniciarse la persecución a religiosos y detención de sacerdotes ,y laicos en la Rioja , el Obispo Angelelli decidió llevar a sus seminaristas a Bs.As. donde el P. Bergoglio , provincial , los recibió con cariño . Según La Civita , en ese tiempo Bergoglio , en secreto, daba alojamiento y protección a quienes eran perseguidos por la dictadura ; varias veces pidió a estos seminaristas de La Rioja que se entretuvieran con ellos para hacerles menos pesada la espera . Para la comunidad de San Miguel , eran católicos que “ estaban haciendo retiro espiritual “ (i) Este testimonio habla a las claras de que Bergoglio no tuvo ninguna connivencia con la dictadura . Por el contrario ayudó a los perseguidos .

Algo más : estando en la Comunidad Salesiana de Isidro Casanova me llamaron del Arzobispado de Bs.As. para pedir verificara la necesidad de una familia. muy pobre y con un enfermo a la cual el Arzobispo le mandó su propio médico ; esa flía. había sido recibida por el mismo cuando en un gesto extremo fue a golpear la puertas de la curia de Bs.As.

En fin , puede ser que mi cariño por Bergoglio me impida ver lo que otros ven ; pero recibí de él muestras de fraternidad poco comunes y de serio compromiso evangélico ,

Agrego algo más : estando yo de Párroco en Puerto Deseado se enteró de que yo era el primer sacerdote ordenado por el mártir Enrique Angelelli ; entonces me manifestó por teléfono el deseo de encontrarnos ; Así lo hice viajando a Bs.As. donde me recibió con mucho cariño ; y conversamos sobre

el martirio de Angelelli del que estaba convencido . Luego lo visité cada vez que volví a Bs.As. desde

Angola .

Hugo , hasta aquí mi aporte al perfil que estás redactando

sobre este Hombre , Sacerdote , Religioso y Buen Pastor de la Iglesia de Jesús . Cualquier cosa quedo a

tu disposición . un abrazo

Roberto Musante

Angola , 16 de marzo del 2.013

Diario de Sevilla, 15 03 13

Un nuevo e inesperado Papa

JUAN A. ESTRADA

HA saltado la sorpresa, el nuevo papa es un argentino, Jorge Mario Bergoglio, cardenal de Buenos Aires, que es también un jesuita. Fue ya un candidato serio al pontificado cuando se eligió a Ratzinger, aunque parecía que su momento había pasado y no contaba entre los cardenales preferidos. Su elección del nombre, Francisco, probablemente por devoción a Francisco de Asís (con el trasfondo de Francisco Javier y Francisco de Borja) corresponde a la sencillez de su aparición en la plaza de San Pedro, rompiendo con el protocolo usual. Romper con el boato cortesano y con los residuos barrocos que subsisten en el papado puede ser algo característico de su papado, dado su talante personal austero y sencillo que ha mantenido como arzobispo.

La perspectiva de América Latina corresponde además a la del continente con más católicos del mundo. El desafío del mundo global en que nos encontramos será uno de los retos de su pontificado, el pasar de una iglesia eurocéntrica a una mundial, que tenga en cuenta la pluralidad de culturas, situaciones y problemas.

El primer problema que tendrá que abordar es el de la reforma de la curia. Ésta fue una de las demandas del Concilio Vaticano II, malograda en buena parte en el posconcilio, en el que sí se logró que se internacionalizara. Juan Pablo II, que no era un miembro de la Curia romana, ni lo intentó, Benedicto XVI, que sí lo era, no lo logró.

Ya no se trata de un problema coyuntural sino estructural: "Los papas pasan y la curia permanece". ¿Querrá y podrá el nuevo

papa reformar las estructuras del gobierno central de la Iglesia? El colegio cardenalicio representa la corriente tradicional de la Iglesia, ya que todos fueron elegidos por los dos últimos papas. Por eso no hay que esperar de él un cambio radical respecto del pasado reciente. Pero dentro del tradicionalismo imperante hay espacio para reformas descentralizadoras y que den más espacio al sínodo permanente de obispos, constituido tras el Vaticano II y que ha perdido su protagonismo.

Al no ser una persona de la curia podrá ofrecer una perspectiva más globalizadora y al ser una personalidad enérgica podrá hacer reformas importantes en la estructura curial y episcopal. Hace falta una personalidad fuerte para desenmarañar las redes conflictivas y las luchas de poder en las congregaciones romanas. Es muy probable que sea una de las tareas que aborde en su pontificado.

Como jesuita ha sido maestro de novicios, rector de la Facultad de Teología y provincial de Argentina. Su personalidad fuerte, con

capacidad de liderazgo, independencia y convicciones propias, no se puede discutir. Como tampoco su preocupación social, que le ha llevado, a veces, a tomar posturas críticas respecto del Gobierno argentino. Ojalá que sea un papa de los pobres, que dé preferencia a los problemas sociales. Su energía personal ofrece confianza en que podrá tomar decisiones fuertes cuando lo estime necesario, algo muy importante en la situación actual.

Pero ha sido también un jesuita controvertido, muy distante de la línea que asumió la Compañía con el generalato del Padre Arrupe. Se ubicó en la corriente tradicionalista de la Compañía, siendo aplaudido por unos y criticado y rechazado por otros, dentro y fuera de Argentina. Como otro jesuita insigne, Von Balthasar, asumió una postura de rechazo respecto de la orientación del gobierno de la Compañía. El talante crítico que ha tenido respecto al actual Gobierno argentino ha sido muy diferente del que marcó su línea de actuación en la época de la dictadura militar, en la que muchos, jesuitas o no, le acusaron de pasividad, silencio y, a veces, de complicidad. Es posible que haya evolucionado y que su

nueva responsabilidad episcopal le abriera a un talante más crítico respecto del Estado, del que tuvo en su etapa de jesuita. Queda por ver qué línea tendrá su pontificado y cuál de las dos direcciones tomará.

Es probable que sea un Papa continuador de los anteriores en lo que concierne a la doctrina tradicional sobre la Iglesia, mientras que en los asuntos sociales, económicos y políticos puede tener

una actitud más abierta y reformadora. Su concepción teológica tradicional es la que quizás explica mejor su elección por un colegio cardenalicio que en su práctica totalidad ha sido constituido por dos papas tradicionales, sus antecesores. Habrá que esperar para ver las líneas fundamentales de su pontificado. En lo que concierne a España hay que resaltar que tiene un buen conocimiento de ella, a partir de frecuentes contactos personales. Ojalá que la dinámica espiritual, ascética y de correspondencia al pueblo romano que simboliza el nombre que ha elegido sea una expresión de un nuevo estilo de pontificado, más austero, cercano y humilde. Un papa evangélico, cercano y sencillo es lo que necesita la Iglesia de hoy.

¿Un nuevo pontificado:
una transición a la
española?

No cabe duda del significado simbólico que ha tenido la transición española a la democracia, que ha hecho de ella objeto de análisis y reflexión en muchos países. Una de las claves estuvo en su protagonista: un político franquista que supo mirar al futuro y no dejarse aprisionar por el pasado. De la dictadura se pasó a la democracia, mediante el apoyo de un sector del régimen que aprobó sus medidas. El nuevo papa, salvando las diferencias entre

el orden político y eclesial, se enfrenta a la misma problemática.

Hay que reformar la Iglesia (“la iglesia siempre necesita de reformas”) y en especial la Curia romana, un organismo papal que se ha ido convirtiendo en un poder fáctico que, a veces, se impone

al mismo papa. Ya no se trata de un problema coyuntural sino estructural, “Los papas pasan y la Curia permanece”.

El nuevo papa fue jesuita y ocupó cargos importantes en la Compañía de Jesús, antes que en la iglesia argentina. Es una paradoja que una Orden religiosa en la que sus miembros hacen voto de no aspirar a ninguna dignidad eclesiástica y a resistirse a nombramientos, salvando siempre la obediencia a la Iglesia, acabe quinientos años después teniendo un papa jesuita. Bergoglio perteneció al sector tradicionalista, tuvo una teología conservadora y se opuso a la nueva orientación que asumió la Compañía con el generalato del P. Arrupe y el Concilio Vaticano II. Siempre fue una personalidad fuerte, con liderazgo y convicciones propias, que le generaron adhesiones y también fuertes críticas, sobre todo por el papel ambivalente que jugó en la época del régimen militar. No cabe duda de su capacidad de mandar, con la contrapartida de su personalismo que puede desembocar en autoritarismo. La pregunta es si el nuevo papa querrá y podrá reformar las estructuras del gobierno central de la Iglesia. No hay que esperar de él un cambio radical respecto del pasado reciente. Pero dentro del tradicionalismo imperante hay espacio para reformas descentralizadoras y que den más espacio al sínodo permanente de obispos, constituido tras el Vaticano II y que ha perdido el protagonismo.

Pero sería un error centrarlo todo en la reforma de la Curia, condición necesaria pero insuficiente para una revitalización de la Iglesia católica. Desde el 16 de Octubre de 1978 han gobernado

la Iglesia dos papas tradicionales, más cercanos a los críticos del Vaticano II que a sus defensores. La involución se ha hecho notar en todos los ámbitos, entre otros en el nombramiento de los obispos. Después de treinta años, la situación de la Iglesia no ha mejorado y los problemas se han agravado. ¿Se impondrá

un cambio de rumbo global para avanzar en otra dirección o se mantendrá la misma, modernizándola exteriormente?. Es una pregunta abierta, ya que no es lo mismo ser provincial de los jesuitas que cardenal de una mega diócesis, y mucho más papa de una iglesia mundial. No hay que dudar de su inteligencia, ni se puede olvidar su pasado conservador, la pregunta es si desde ahí puede ser el papa reformador.

Hay que dar un margen al nuevo papa pero su pasado no es muy esperanzador, aunque la valoración del papa Francisco sea muy diferente según los fines que se persigan. Su austeridad y sobriedad personal podrían también favorecer un papado con menos boato, que elimine los restos cortesanos e imperiales que todavía hay en el ceremonial pontificio. Los enfrentamientos curiales dejaron paso a los cardenalicios y no sabemos todavía las condiciones y planteamientos que han desembocado en la actual elección. Y no pensemos que es el Espíritu Santo el que lo ha elegido. Dios inspira a toda la Iglesia pero no anula la libertad, intereses y acciones de los agentes humanos. Por eso, un gran historiador de la Iglesia confesaba su fe en la Iglesia, a la que no se la han podido cargar un buen lote de papas indignos a lo largo de la historia. Un papa reformador es la esperanza del catolicismo, pero

es la Iglesia toda, desde los cardenales y obispos hasta el pueblo de Dios, la que tiene que abrirse a una reforma interna y externa. Hay que actualizar el Vaticano II en un nuevo milenio y en el contexto de un mundo globalizado y mucho más complejo que el de los sesenta. De ahí dependerá el futuro de la Iglesia en esta primera mitad del siglo XXI. Ojalá que el papa Francisco sea de verdad el de la transición a un nuevo modelo de Iglesia, más evangélico y acorde con la mentalidad y sensibilidad actual.

Juan A. Estrada (Universidad de Granada)



20.03.13 - Mundo

‘Será a primavera depois de um duro inverno’. Entrevista com Leonardo Boff

A- A+ AA        



Eleonora Martini
Il Manifesto
Adital



Ele se encontrou pessoalmente com o cardeal [Jorge Mario Bergoglio](#) apenas uma vez, nos anos 1970, durante um retiro espiritual. Mas, o brasileiro [Leonardo Boff](#), um dos fundadores da [Teologia da Libertação](#), coloca muitas esperanças no novo papa. Ele vê nele o vento da "primavera", que desfaz o "frio inverno da Igreja". E a arrasta ao terceiro milênio. "Ele sempre esteve do lado dos pobres e dos oprimidos, como nós, teólogos da libertação". E isso lhe basta. Não se importa com a marca e não acredita na cumplicidade com a ditadura militar.

A reportagem é de Eleonora Martini, publicada no jornal Il Manifesto, 15-03-2013. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Eis a entrevista.

‘Será a primavera depois de um duro inverno’

Por Eleonora Martini

Que homem é Jorge Maria Bergoglio e que papa será Francisco?

Boff: Para mim, o importante agora não é o homem, mas sim a figura de um papa que escolheu se chamar Francisco, que não é apenas um nome, mas sim um projeto de Igreja. Uma Igreja pobre, popular, que chama todos os seres da natureza com as doces palavras de "irmão" e "irmã". Uma Igreja do Evangelho, distante do poder e próxima das pessoas.

Em sua opinião, o cardeal Bergoglio tem as cartas certas para trazer essa renovação à Igreja?

Boff: Francisco recebeu em São Damião esta mensagem: reconstruir a Igreja que está em ruínas. Hoje, estamos em um rigoroso inverno, e o próprio castelo que os dois últimos papas criaram está em ruínas. E agora um novo papa vem de fora dos muros de Roma, quase dos confins do mundo, como ele mesmo disse, externo àqueles círculos de poder. E eu acredito que, acima de tudo, ele trabalhará internamente à Cúria para resgatar a credibilidade da Igreja, manchada pelos imbróglios, pelos escândalos dos pedófilos e do banco vaticano... E depois fará uma abertura ao mundo moderno, porque tanto Bento XVI quanto João Paulo II interromperam o diálogo com a modernidade.

É um erro renunciar a entender e a dialogar com a cultura moderna. Difamá-la e considerá-la como puro relativismo e secularismo, não reconhecer os seus valores, é uma blasfêmia contra o Espírito Santo. As pessoas buscam uma verdade mais rica e mais ampla do que aquela da qual a Igreja

acredita ser a portadora exclusiva. Ao contrário, a sua postura é de poder. Enquanto o sentido evangélico do papado é unir os fiéis cristãos na fé, no curso da história, ao invés, criou-se uma monarquia absolutista que pensa nas coisas em uma perspectiva jurídica. Esse papa logo disse que quer presidir a Igreja na caridade. Esse é o sentido da mais antiga tradição da função de Pedro. Penso que esse papa é o novo rosto da Igreja, humilde e aberta, que pode trazer a experiência do "Grande Sul", onde vivem 70% dos católicos.

A experiência latino-americana, em particular?

Boff: A nossa Igreja não é mais o espelho da Igreja europeia. É uma Igreja fonte, que desenvolveu um rosto e uma teologia próprias, uma pastoral com raízes nas culturas locais. Franciscotrará essa vitalidade à Igreja universal, para acabar com o inverno rigoroso e entrar em uma perspectiva de primavera. Bergogliooferece essa esperança, e a promessa de que o papado possa ser vivido de forma diferente.

Nos anos 1970, o jesuíta Bergoglio, segundo alguns observadores argentinos, teve uma atitude controversa com relação à ditadura militar. É ainda mais compartilhada a opinião segundo a qual ele é avesso à Teologia da Libertação. Qual é a sua opinião?

Boff: Recentemente, [Pérez Esquivel](#) desmentiu que Bergoglio fosse cúmplice da ditadura argentina, explicando que, ao invés, ele salvou muitos perseguidos pelo regime militar. O que é certo é que ele sempre tomou a posição dos pobres e dos oprimidos, também no seu estilo de vida: é uma pessoa simples que viaja de ônibus, que vive em um pequeno apartamento, cozinha sozinho... Vem do povo, e se vê isso também na sua ação pastoral. No YouTube, há um vídeo muito bonito de Bergoglioque fala da dívida que todos temos para com os pobres, porque a desigualdade é fruto de uma sociedade antiética e antihumana. E a marca registrada da Teologia da Libertação é a opção pelos pobres e contra a pobreza.

Mas mesmo assim ele é filósofo, teólogo, reitor universitário. Segundo alguns especialistas, pode-se dizer que ele é muito distante ao menos daquela teologia da libertação de marca marxista.

Boff: Essa é a versão das ditaduras militares que sempre caluniaram a Teologia da Libertação. Que, depois, foi aceita por Ratzinger como uma forma de teologia [por exemplo, nomeando em 2012, como prefeito da Congregação para os Religiosos, o arcebispo brasileiro [João Braz de Aviz](#), e, como chefe da Doutrina da Fé, [Gerhard Ludwig Müller](#), ambos muito abertos à Teologia da Libertação, n.d.r.]. Mas nunca tomamos Marx como padrinho da Teologia da Libertação. Eu mesmo não sou marxista. E nunca existiu uma Teologia da Libertação marxista. O movimento da Teologia da Libertação, além disso, nunca foi forte na Argentina, onde, ao invés, desenvolveu-se uma teologia própria, encarnada na cultura popular local. Não se pode dizer que Bergogliofose contra esse tipo de teologia.

Como teólogo, porém, Bergoglio nunca reconheceu o valor do movimento da Teologia da Libertação, não é mesmo?

Boff: Ele é jesuíta e, como tal, possui uma ótima formação intelectual. Depois, estudou na Alemanha, como eu. Por isso, é também muito aberto intelectualmente. Mas eu não me importo com o título "Teologia da Libertação". Ao contrário, me importa qual atitude se opta por ter diante dos pobres e dos oprimidos do mundo. Bergoglio está do nosso lado. A nossa Igreja latino-americana tem muitos mártires: [Oscar Romero](#), [Enrique Angelelli](#), muitos colegas meus que foram sequestrados e assassinados durante a ditadura. Eles não tinham uma ideologia na cabeça, mas sim um certo tipo de atitude com as favelas, com os bairros, com os pobres. E isso é importante. Que nome damos a tudo isso, não importa.

Francisco de Assis enfrentou o advento da economia monetária na época em que, na Itália, nasciam as primeiras comunas, prospectando uma visão de mundo diferente. O senhor acredita que, do mesmo modo, o desafio do Papa Francisco também é o de repensar, na fase atual, a relação da Igreja com o sistema capitalista?

Boff: Eu acho que, como dizia o historiador inglês Arnold Toynbee, no tempo de São Francisco, depois do caos do Império Romano que introduziu a moeda –estamos nos albores do sistema capitalista–, simultaneamente, apareceu a oposição. [Francisco](#) era uma pessoa antissistema. Justamente Ratzinger, em um artigo famoso, disse que São Francisco –que viveu no tempo do Papa Inocêncio III, que foi o imperador talvez mais rico de toda a história cristã– era o contraponto. Ele vivia uma resistência profética, sem fazer nenhuma crítica oral, mas percorrendo um caminho evangélico alternativo. Esse é o ensinamento de São Francisco, no plano do viver, o viver sem títulos sobre a terra e não em posições de poder. Francisco não era padre, era um leigo. E nós esquecemos isso. Com a figura de Francisco, esse papa assume todo um conjunto de valores: valoriza os leigos e os movimentos populares. Algo muito importante, porque o tema central do mundo agora não é a Igreja, mas sim o futuro da vida, o peso do ser humano. Ora, para mim, a pergunta é o que a Igreja Católica faz para ajudar a humanidade a sair dessa crise, que pode ser determinante. Francisco pode ser o papa do fim do mundo, porque construímos uma máquina de morte que pode destruir tudo. Para mim, a mensagem de São Francisco é a único que pode nos arrastar para o terceiro milênio: ou a tomamos, ou vamos rumo ao fim.

Mas o poder temporal da Igreja, o sistema do Estado vaticano podem se libertar da sujeição ao capitalismo?

Boff: Eu acho que é inútil pensar em uma reforma do sistema capitalista, que já deu tudo o que podia dar e chegou ao fim. É preciso ir rumo a outro paradigma, para um "[bien vivir](#)", como dizem os índios latino-americanos. É preciso superar a dimensão temporal, política, do Vaticano, uma monarquia absolutista do passado. É preciso renunciar às nunciaturas, utilizar os bancos éticos, descentralizar a Igreja. Por que o dicastério das missões não pode ficar na Ásia? Por que o dos direitos humanos e da justiça não pode vir para a América Latina? E por que o do diálogo intereclesialístico não vai para Genebra, juntamente com o Conselho Mundial de Igrejas? Essa descentralização já foi pensada no [Concílio Vaticano II](#). Os últimos dois papas esvaziaram essa instância de funcionalidade da Igreja e foram rumo à centralização do governo. Na base social desse tipo de Igreja, há grupos fundamentalistas como o Opus Dei, Comunhão e Libertação, os Cruzados do Evangelho.

Portanto, o fato de ter preferido Bergoglio com relação ao cardeal brasileiro Odilo Scherer, membro da Comissão Cardinalícia de Vigilância do IOR, é um sinal muito importante?

Boff: Graças a Deus, [Scherer](#) –que era o candidato da Cúria Romana, um conservador com uma autoridade muito forte– não é o novo papa.

No entanto, o cardeal Bergoglio ficou marcado na Argentina pela sua campanha contra as uniões homossexuais.

Boff: Até agora, ninguém na Igreja podia se afastar dessa visão de mundo. Ele, no entanto, há alguns meses, permitiu que um casal homossexual adotasse uma criança. Isso significa que não é uma pessoa inflexível. Agora, pode abrir uma discussão ampla sobre o celibato, sobre a sexualidade, sobre a reintrodução dos padres casados. Porque a Igreja tem uma crise institucional tremenda, não pode ser uma ilha sozinha no meio do mar.

Qual é o bem comum da Igreja Católica?

Boff: É a tradição de Jesus, o amor incondicional. Unir os dois polos: o Pai nosso com o nosso pão. Isto é, abrir-se à transcendência e preocupar-se com quem têm fome e necessidade. Só assim pode-se dizer amém.

[Fonte: IHU-Unisinos].